

## EXTRATO DE NÓS

O espetáculo-solo é vivido através de quadros, relacionando às memórias, que são recortes de um espaço no tempo. Como o nascer e o morrer, um ciclo, as ações se iniciam e terminam, onde as memórias que o habitam, articulam, alteram suas atitudes, formulam suas ações. As mudanças de quadros serão determinadas pela urgência da partida. O tempo determinará o ritmo das cenas, e o passar das horas mudará os quadros. Entre eles, sugestões de passagens de tempo determinadas por sons ou por atitudes.

### **Quadro 1 - a chegada.**

Sentado em suas malas, inerte. “O trenzinho do caipira”, de Villa-Lobos, ao fundo. Um novelo de barbante verde está estendido no palco representando a linha de um trem. A plateia entra. Som de tic-tac ensurdecedor. Irritado e impaciente, movimenta o pé direito por alguns segundos, seguido por movimentos da mão direita e esquerda, incluindo aí sua cabeça. Tenta relaxar acendendo um cigarro. Ouve o som de apito do trem se aproximando. Levanta-se, pega as duas malas menores e eleva-as até ficarem presas sob os braços. Pega as duas maiores com as mãos e, ainda com o cigarro aceso à boca, caminha à frente e lateralmente, uma espécie de zig-zag enquanto deixa cair as quatro malas, uma após a outra, alinhadas em fila. Segue fumando até a mala maior, lançando fumaça. Apaga-o com o excesso de saliva que escorre de sua boca. Joga-o no chão. Pisa sobre ele com o pé direito. Percebe a saliva no soalho, abaixa-se e limpa com uma das mãos. Pega uma revista que encontra-se dentro do bolso direito e segue até a primeira mala, com o intuito de sentar e folhear a revista. Senta-se, mas cai. Levanta-se e vai de encontro a segunda mala. Ocorre a mesma coisa, também com a terceira. Na quarta, por ser pequena, ele a derruba com o pé direito. Ouve-se badaladas de sinos.

### **Quadro 2 – ao vento.**

Sobe nas malas como se fossem degraus de uma escada e olha ao longe, buscando o trem. Não o alcança com os olhos. Desiste, desce da escada feita com as malas. De posse da revista, senta na penúltima mala e abre a revista. A cada folha virada, cruza e descruza as pernas. Rasga e retira uma das páginas, joga para o chão. Grita: Eureka! Pega a mala que se encontra à sua esquerda, coloca no colo, retira uma outra folha da revista e faz um avião com ela. Tenta jogá-lo, mas escorrega de sua mão. Pega-o novamente e joga-o. Quer alcançá-lo com as mãos, mas a mala que se encontra sobre seu colo o atrapalha. Lembra dos aviões que estão dentro da mala que se encontra à sua direita, pega-a, coloca-a sobre a outra, abre-a e vai retirando e jogando os aviões que estão nela. Ouve-se o som de um despertador digital.

### **Quadro 3 – a fome.**

Olha para ambos os lados, fecha a mala aberta, recolhe todas as demais, excetuando a maior, pega a revista e sobe na maior, tentando identificar de onde vem o trem. Desiste, dá de ombros e desce da mala. Coloca as demais no chão e tenta empilhá-las sobre a maior, formando assim uma espécie de poltrona. Senta sobre elas e fica esperando que o tempo passe. Sente fome. Procura nos bolsos algo para comer. Encontra uma lata cheia de amendoins por dentro da meia direita. Pega-a, abre-a e começa a comer os amendoins de diferentes formas e maneiras. Joga alguns para o público, tentando acertar-lhes a boca. Faz isso consigo. Percebe que terminou com todos. Sente-se empanturrado. Busca água em uma das malas. Pega um copo retrátil e um borrifador. Tenta encher o copo de água com o borrifador. Consegue. Coloca o borrifador na mala e, ao levar o copo até a boca, ele se retrai, derramando água sobre sua roupa. Xinga. Coloca o copo dentro da mala e começa a retirar a roupa. Percebe que o público está presente, vira-se de costas e, rebolando, abaixa o macacão e retira a blusa branca que usa, como se estivesse fazendo um strip-tease público. Embola a blusa branca e a joga para dentro da mala aberta. Vira-se novamente de frente para o público. Percebe que há duas bolas em sua virilha. Leva-as, uma-a-uma, para a altura dos joelhos. Percebe que há outro volume entre suas pernas, retira de lá uma cenoura. Come-a. Vai até as malas, meio que se arrastando, coloca uma outra mala sobre a maior, abre-a, cai de joelhos, sente dor e grita, de dentro da mala, vai tirando e jogando para cima peças de roupa. Ao final, encontra uma vermelha. Grita: olé! e a veste. Quando vai colocar a alça direita do macacão, encosta o nariz na axila direita. Sente-se desconfortável com o odor dela. Ao colocar a outra alça, tem receio de que a outra axila esteja pior. Sente o odor e constata estar desagradável. Vai até uma das malas e pega um frasco de perfume. Esfrega-o até que sua mão es quente e se torne insuportável. Pega o frasco com a mão direita e o sacode na altura da virilha. Retira a tampa, cheira-a e a encosta na axila esquerda. Repete o movimento de sacudi-lo, retirando-lhe a tampa e agora encostando na axila direita. Repete o movimento de sacudi-lo e oferece aos expectadores, indicando-lhes a palma da mão. Aproxima de alguns e encosta a tampa em uma parte do corpo; sempre entre um e outro faz o movimento de sacudi-lo. Ouve-se sons de um relógio com pêndulo.

### **Quadro 4 – a chuva.**

Ele volta à área de atuação, observa a tatuagem em seu antebraço esquerdo, observa a direção do vento. Coloca o frasco de perfume em uma das malas. Ouve-se o vento soprando. Começa a recolher, uma a uma, as peças de roupa espaçadas pelo palco. Ouve-se o som da chuva. Pega o guarda-chuvas e tenta se cobrir com ele. O guarda-chuvas se parte em pedaços. Ele tenta remontá-lo, mas em vão. Desiste. Vai até a uma das malas e pega uma sombrinha feita em dobradura de papel. Sobe em uma das malas e fica esperando a tempestade passar. Quando assim ocorre, desce, sente-me molhado, coloca uma mala deitada atrás de outra que se encontra à frente. Senta-se na primeira e abre a segunda. De lá retira um pedaço de pano de algodão e o coloca no rosto. Perde a visão e tenta, a partir do tato, perceber onde se encontra. Acha-se. Retira o tecido do rosto e percebe que ficou estampado seu rosto, graças à maquiagem. Mostra o tecido para o público. Tocam sinos fúnebres.

### **Quadro 5 – as memórias dos outros.**

Abaixa o tecido e o coloca novamente dentro da mala. Nessa ação, percebe algo dentro dela que o atrai: um punhado de coisas amarradas com um cordão. Retira e mostra para o público. Interage com as coisas que estão nesse apanhado de coisas: espelho, cartas, um apito artesanal, um porta-copos, postais em sanfona. Quando se depara com a última das cartas, abre-a e retira uma carta em vermelho. Ouve-se uma música. Lê compassadamente a carta e a mostra para a plateia. Abaixa-se, deixa a carta dentro da mala e de lá retira um caixote pequeno, feito em papel. Mostra ao público e o deixa sobre a mala que está aberta em sua frente. De dentro da mala pega um boneco de manipulação direta. Manipula-o em direção ao caixote na outra extremidade da mala. Senta-o no caixote. De dentro da mala pega uma forca feita em cordão, coloca-a no pescoço do boneco, ele se levanta e fica em pé sobre o caixote, e por fim se joga abaixo. O caixote cai dentro da mala, o boneco enforcado é mostrado para a apreciação da plateia presente, sendo deitado sobre a mala, para, logo em seguida, ser coberto com o pedaço de tecido anteriormente utilizado, como se fosse uma mortalha. O boneco é recolhido para dentro da mala. Uma dentadura movida a cordas é acionada e mostrada para o público. Entristecido, a personagem recolhe os elementos na mala, juntamente com a revista que se encontra próxima. As 3 malas que estão abertas são empilhadas e devidamente fechadas. Ouve-se o barulho do trem se aproximando.

### **Quadro 6 - a partida.**

Dispõe as malas em pé, pega as duas menores e repete o movimento feito no primeiro quadro, quando de sua chegada. Sobe sobre a linha verde e sai se equilibrando nela.

Blackout.

**FIM**